

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES

INDISCIPLINA ESCOLAR

Aluna: Zontina Antonia de Almeida Ribeiro

Orientadora: Ida Hammerschmitt

Jataizinho, fevereiro de 2010.

RESUMO

Um dos problemas mais sérios da escola na atualidade é a indisciplina, que consequentemente ocasiona a não aprendizagem, a reprovação, a evasão, e, como educadores, a busca da solução nos mobiliza. A indisciplina é função da falta de perspectiva do aluno, aliada ainda ao despreparo do professor e da ausência do acompanhamento familiar. Desta maneira, alunos com mau comportamento são excluídos da convivência social, já que sua presença causa indisciplina, mesmo sendo esta de sua própria responsabilidade ou dos professores e/ou da família. Diante disto, buscou-se entender, por meio de pesquisa, as principais causas da indisciplina dos alunos da Escola Estadual Professora Adélia Antunes Lopes, localizada no município de Jataizinho – PR, que atende o Ensino Fundamental, anos finais, de 6ª a 9ª séries, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Como instrumento de pesquisa aplicado a professores e pais de alunos, foi utilizado o questionário a fim de saber as idéias destes sobre a indisciplina. O instrumento foi aplicado dentro do espaço escolar. Entre as considerações finais destaca-se que a causa da indisciplina é em função do despreparo e da falta de autoridade dos professores. Infere-se ainda que a maioria dos professores são felizes com sua profissão, porém alguns gostariam de mudar. Os professores comentaram ainda que agem com a indisciplina dos alunos por meio de diálogo e com o auxílio da orientação escolar. Por fim, os pais dos alunos acham que estes estão sem limites e que os professores poderiam ser mais dedicados. Diante disto, é importante enfatizar que a participação e o trabalho colegiado são necessários para enfrentar os problemas, não basta atacar suas aparências, é preciso descobrir o que fazer, qual é a sua origem e juntos resolver efetivamente os problemas de indisciplina que afetam o trabalho pedagógico.

Palavras-chave: Indisciplina, alunos, professores, pais

1. INTRODUÇÃO

A escola sofre reflexos do meio em que está inserida. Os problemas são de toda ordem, que emperram e/ou dificultam o trabalho educativo. Entre eles, estão problemas pedagógicos; de pessoal — como falta de professores ou de funcionários e sua não valorização, ausências e rotinas no trabalho; problemas de alunos — como a não aprendizagem, o desinteresse, a indisciplina, drogas; assim como problemas dos pais — como a sua não participação ou a falta de

consciência de sua importância no processo educativo escolar. Para enfrentar tais problemas é importante a organização coletiva, a participação de todos os segmentos da comunidade escolar e a participação da sociedade.

As pessoas mais próximas do aluno, principalmente a família, influenciam muito na sua conduta e maneira de agir, pois é no seio familiar que a criança recebe as primeiras instruções para a convivência social, portanto, os pais são considerados os primeiros formadores de condutas educativas de seus filhos, ou pelo menos deviam ser, já que a ação da família no processo de formação humana começa desde o berço, muito antes da ação da escola. Sendo a importância da ação familiar na tarefa educativa reconhecida pela escola, impõe-se uma íntima colaboração, que deverá significar a ajuda mútua na consecução do ideal educativo.

Além da indispensável participação dos professores, da equipe gestora, dos funcionários da escola e dos estudantes, a participação de membros da comunidade também é importante e indispensável para encontrar as verdadeiras razões das dificuldades e problemas escolares. Um dos problemas mais sérios da escola na atualidade é a indisciplina que conseqüentemente ocasiona a não aprendizagem, a reprovação, a evasão, cuja busca de solução nos mobiliza, já que a indisciplina gera repercussão dos conflitos da família e do meio social envolvente.

A participação e o trabalho de toda comunidade escolar, principalmente, gestores, professores, família e alunos, são necessários para enfrentar os problemas. Não basta aproximar-se deles em suas aparências. É preciso descobrir o que faz com que os problemas surjam, qual sua origem, a quem interessa a existência desses problemas. Enquanto atacarmos os problemas educacionais só com palavras e não agirmos efetivamente diante do problema em busca de possíveis soluções, não poderemos dizer que fazemos parte de uma comunidade educativa.

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma

combinação complexa de causas. Esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la com o objetivo de estabelecer soluções efetivas (Garcia, 1999 p. 121).

A causa da indisciplina pode estar na escola, no professor ou no aluno. Na escola, a indisciplina é causa muitas vezes de sua organização interna, na falta de comunicação entre a direção, professor e aluno, no planejamento dos horários e das aulas e também pela não relação e união dos integrantes do espaço escolar.

Em minha opinião... (a indisciplina é função da falta de perspectiva do aluno, aliada ainda ao despreparo do professor e da ausência do acompanhamento familiar.) Isso nos leva a refletir que alunos com comportamento inadequado são excluídos da convivência social, já que sua presença causa indisciplina, mesmo sendo esta de sua própria culpa ou dos professores e/ou da família. Diante disto, buscou-se entender as principais causas da indisciplina dos alunos da Escola Estadual Professora Adélia Antunes Lopes – Jataizinho – PR.

A pesquisa foi conduzida na Escola Estadual Professora Adélia Antunes Lopes, localizada no município de Jataizinho – PR, que atende o Ensino Fundamental, anos finais, de 6ª a 9ª séries, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A comunidade onde este estabelecimento de ensino está inserido tem por característica o baixo rendimento econômico, em que a maioria das famílias ganha seu sustento em outras cidades, deixando seus filhos apenas sob os cuidados da escola. A maior dificuldade encontrada está na ausência de acompanhamento escolar de algumas famílias e disso derivam-se outras situações como déficit de atenção, indisciplina, dificuldades de socialização. Nesse propósito, o estabelecimento está cotidianamente a serviço do coletivo, cujo desafio é o zelo pela aprendizagem de todos os alunos, independente das condições sociais, econômicas e culturais, voltada, indistintamente, para a inclusão de todos os indivíduos.

Foi realizada a aplicação de questionário a alunos, professores e pais de alunos, a fim de saber sobre a indisciplina. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente e a eles aplicados os questionários dentro do espaço escolar.

Entre os principais questionamentos feitos com os alunos, foi perguntado para a eles se gostam de estudar, as disciplinas que mais tem afinidade e as que menos tem afinidade. Outro questionamento levantado foi se o aluno já reprovou alguma série e se assumem ter mau comportamento. Perguntou-se ainda se os professores reclamam de seu comportamento e o que eles (alunos) acham dos professores.

Para os professores foi perguntado se estão realizados com sua profissão ou se gostariam de ter outra. Levantou-se ainda, questionamentos em torno da indisciplina dos alunos: comportamento inadequado a convivência em sala de aula, jogar papéis nos colegas durante a aula, depredação das instalações, ofensas a colegas e professores, etc.

Já para os pais dos alunos foi perguntado o que acham do comportamento dos alunos, dos professores e da escola, em geral, a fim de saber sobre sua opinião em relação a indisciplina escolar

2. REVISÃO DE LITERATURA

A disciplina pode ser concebida como uma técnica de exercício de poder, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Nesse sentido, falar de indisciplina é evidenciar o não cumprimento de regras estabelecidas (Santos e Nunes, 2006, p.15). Há muito tempo os distúrbios disciplinares deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais, e a maioria dos educadores não sabe ao certo como interpretar e/ou administrar o ato indisciplinado (Aquino, 1996, p.98).

A disciplina também pode ser vista como o controle do indivíduo no tempo. No entanto, aplicar esse conceito em educação é um tanto quanto perigoso. É freqüente a afirmação, por parte dos professores, que os alunos de hoje são indisciplinados, evocando um saudosismo de uma suposta educação de

antigamente, que estabelecia parâmetros rígidos para o uso do corpo e da mente (Santos e Nunes, 2006, p.15). O tema da disciplina pode nos levar mais longe ainda: discutir a própria natureza humana.

Para o filósofo Kant, por exemplo, a disciplina “é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem”. Não se trata, portanto, apenas de “bons modos”: trata-se de educar o homem para ser homem, redimi-lo de sua condição animal. Permanecer parado e quieto num banco escolar é necessário, não para possibilitar o bom funcionamento da escola, mas para ensinar a criança a controlar seus impulsos e afetos. Não que, levantando, andando, falando, não pudesse se alfabetizar, mas não conseguiria se “humanizar” (Aquino 2004, p. 152).

Já autores como Piaget, apostam numa “autodisciplina”, não imposta de fora, mas inspirada pela busca pessoal de equilíbrio, ou seja, do autogoverno das crianças nasceria uma disciplina muito mais estável e livre. Tais idéias tiveram e têm grande influência na educação moderna (notadamente na classe média brasileira) (Taille, 1996, p.86). Vale salientar que hoje, no Brasil, a classe média é a maioria, ou seja, 52% da população, o equivalente a 100 milhões de brasileiros – renda superior a R\$ 1.064,00 (Friedlander et al., 2008, p.37). Entretanto, no município de Jataizinho, uma cidade de aproximadamente 11 mil habitantes ao norte paranaense, a maioria das pessoas tem uma renda bastante inferior conforme dados levantados na matrícula de alunos em relação à média nacional (Yamamoto, 2007, p.86), levando a analisar que a educação moderna possa não ser aplicada com satisfação para os estudantes desta cidade.

É importante ressaltar que certos comportamentos podem ser considerados por alguns professores como indisciplina, enquanto que, para outros, correspondem apenas a um excesso de vitalidade. Assim, a suposta indisciplina não estaria no aluno, sendo na realidade um sintoma de uma escola incapaz de gerir e administrar novas formas de existência social concreta, que surgem no seu interior, em decorrência das transformações do perfil de sua clientela (Santos e Nunes, 2006, p.15).

A escola, sem destoar da conjuntura histórica mais ampla que a ronda e perpassa, encontra na indisciplina uma fonte de instabilidade do seu projeto normativo e pedagógico, projeto que vem elaborando há séculos. Nas escolas, diante das expressões de indisciplina, padecem os educadores, sem talvez um projeto de ação alternativo, e ainda por conquistar uma formação mais adequada e que lhes proporcione melhores recursos para enfrentar os tantos desafios que encontram no ambiente educacional. Desta forma no ambiente escolar, as indisciplinas, particularmente nas últimas décadas, teriam se tornado expressões usuais, rupturas com as quais os professores precisam conviver em sala de aula. “A indisciplina estaria desenhando um cenário indesejável, sobretudo nas salas de aula, onde persiste disputando e conquistando um espaço considerável do currículo escolar” (Garcia, 2006. p.122).

Vários atos de indisciplina traduzem-se pelo desrespeito, seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar (depredação das instalações, por exemplo). É certamente este aspecto desrespeitoso de certos comportamentos discentes que preocupa no mais alto grau os educadores. Muitos tem medo de entrar na sala de aula, não apenas por temerem não ter êxito na tarefa de ensinar, mas sobretudo por não saberem se receberão tratamento digno por parte de seus alunos. A indisciplina é freqüentemente sentida como humilhante (Taille, 1996, p. 86). “Embora a intenção civilizatória e disciplinar da instituição escolar, esta vem demonstrando sinais de aumento progressivo dos problemas de indisciplina, incivilidade e violência, nos diversos países industrializados” (Estrela, 1994, p.16).

Uma sala de aula pode assemelhar-se ao caos do trânsito nas ruas e estradas. Cada motorista deseja que os outros admirem seu carro, mas não aceita que julguem sua maneira de guiar, cada vez mais desregrada. Cada aluno quer ser admirado pessoalmente, mas não concebe que alguém possa condenar seus comportamentos sociais. Quem o fizer não passará de um “moralista” (Taille, 1996, p.88).

Na literatura educacional e particularmente no cotidiano escolar, a indisciplina se associa a um sentido de inclinação negativa, e entre suas possíveis

implicações pouco encontramos de produtivo, além da solicitação de pesquisas que ela representa. Em termos acadêmicos a indisciplina escolar também tem sido produtiva ao solicitar respostas, reflexões, e ao provocar debates. A indisciplina tem se tornado, paradoxalmente, uma distinta fonte de motivação indesejável para a reflexão e mudança nas escolas. As tensões derivadas da ausência progressiva, declarada por professores, de disciplina e respeito, cumpriam afinal um inesperado papel de inspirar revisões nas posições, valores, projetos, intenções e em diversos pressupostos e racionalidades que vêm informando as práticas pedagógicas há décadas (Garcia, 2006, p.123).

Na instituição escolar a idéia de disciplina, e suas práticas, vem sendo culturalmente elaborada há séculos. Sob uma perspectiva histórica a relação entre educação e disciplina parece inerente ao projeto civilizatório do ocidente (Dannells, 1997, p.195). Mas a história da educação, e particularmente das relações entre professores e alunos, registra não somente a presença de esforços para inculcar disciplina. Tais relações têm sido campo de incidência de outras forças, e abrigam configurações consideradas inclusive antagônicas à idéia de disciplina, expressões que serão denominadas de *indisciplina*, particularmente a partir do século XVIII na Europa, onde causaram revisões e reformas educacionais (Vassalo, 2002, p.119).

Na atualidade, a suposta relação de indissociabilidade entre educação e disciplina, parece, afinal, rompida, esgotada, ainda que relutante no imaginário social. As expectativas dos educadores quanto a determinadas formas de disciplina na escola estariam se fragmentando, e como tantos esquemas de racionalidade construídos pelo pensamento moderno, teriam se esvaziado em sentido e legitimidade. A idéia de disciplina, ainda veiculada nas escolas, e ainda desejada por muitos educadores, seria de algum modo anacrônica (Garcia, 2006, p.123).

Mas a noção de indisciplina escolar se amplia ao englobar algumas representações encontradas entre professores, que utilizam aquela denominação para se referir ao que alguns teóricos franceses, tais como Bernard Charlot, denominam de *incivilidade*. Seguindo a caracterização proposta por Charlot (2002,

parâmetros e esquemas de regulação da escola, e podem ser pensadas como formas de ruptura no contrato social subjacente às relações e intenções pedagógicas na escola, cujo eixo seria o processo de ensino-aprendizagem (Garcia, 2006, p125).

Entre as incivildades cotidianas na escola destacam-se, por exemplo, as grosserias, as desordens, as ofensas verbais, e o que se denomina sem muita precisão conceitual de "falta de respeito". Sob essa concepção, algumas formas de "bagunça", devido a sua pouca gravidade e previsibilidade, seriam incivildades, e nem tanto indisciplina, no sentido de romper com regras de algum *contrato pedagógico*, ou mesmo em relação a alguma expectativa expressa no regimento escolar (Garcia, 2006, p.125).

No espaço escolar as incivildades atendem a diferentes finalidades e se expressam de formas complexas. Seja como forma de contestação da ordem escolar, ou como violência, as incivildades ameaçam o funcionamento da escola e a convivência que ali ocorre (Abramovay et al., 2004, p.155). E é neste cenário que os educadores se encontram diante da tarefa de educar para a cidadania.

As incivildades englobam, portanto, comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar sendo tacitamente esperado como boa conduta social. Destacam-se entre as incivildades reportadas, nas queixas usuais dos professores, a "falta de respeito". Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivildade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa (Garcia, 2006, p.126).

Entre os tipos de sanções aplicadas a transgressões disciplinares recorrentes nas escola, destacam-se, por exemplo, o impedimento do acesso do alunos as aulas quando este se apresenta com uniforme incompleto (Abramovay et al, 2004, p.155). É preciso refletir, nesse tipo de cenário, se as sanções e esquemas disciplinares praticados nas escolas fazem realmente sentido, ou, quais fazem sentido, numa perspectiva de escola não só como um lugar de educação

para a cidadania, mas também de um espaço onde se exerce cidadania. Observamos que a noção de sanção disciplinar precisa ainda se desvencilhar da noção estrita de *punição*, e tem diante de si ainda o desafio de incorporar uma finalidade ética (Prairat, 2003, p.93).

Como se pode notar, os educadores quase sempre acabam padecendo de uma espécie de sentimento de “mãos atadas” quando confrontados com situações atípicas em relação ao plácido ideário pedagógico. Entretanto, o cotidiano escolar é pródigo em eventos alheios a esse ideário-padrão. E os efeitos da violência representam, sem dúvida, a parcela mais onerosa de tais vicissitudes (Aquino, 1998, p.14).

A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude perante o âmbito do passado. É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado (Arendt 1992, p.45).

Desta maneira, deve ficar claro que a indisciplina é a transgressão de dois tipos de regras. O primeiro é a moral, construídas socialmente com base em princípios que visam o bem comum, ou seja, em princípios éticos. Por exemplo, não xingar e não bater. Sobre essas, não há discussão: elas valem para todas as escolas e em qualquer situação. O segundo tipo são as chamadas convencionais, definidas por um grupo com objetivos específicos. Aqui entram as que tratam do uso do celular e da conversa em sala de aula, por exemplo. Nesse caso, a questão não pode ser fechada. Ela necessariamente varia de escola para escola ou ainda dentro de uma mesma instituição, conforme o momento. Afinal, o diálogo durante a aula pode não ser considerado indisciplina se ele se referir ao conteúdo tratado no momento (Vichessi, 2009, p.79).

3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A indisciplina é um problema freqüente na Escola Professora Adélia Antunes Lopes, de Jataizinho – PR, e poder diagnosticá-la é um desafio para

professores e equipe pedagógica. Esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas. Desta maneira, vários questionamentos foram realizados com alunos, pais e professores, a fim de tentar identificar as causas da indisciplina, já que esta pode estar na escola, no professor ou no aluno.

Inicialmente, foi perguntado se os alunos gostam de estudar (figura 1), já que vemos em nossa escola que os alunos ditos como indisciplinados são desinteressados e isso, nos remete a pensar que o desinteresse leva o aluno a não gostar de estudar. No entanto, como pode ser visualizado no gráfico (figura 1), diante da pergunta feita aos alunos: Gosta de estudar?, a grande maioria dos alunos entrevistados disseram que sim e as disciplinas mais citadas foram geografia, ciências e educação física. Já matemática é a disciplina que os alunos não gostam muito. Segundo Victorette et al. (2005, p.50), em uma pesquisa que considerou o gosto dos alunos pela matemática, os autores identificaram que o desinteresse dos alunos pela disciplina tem bastante responsabilidade dos educadores.

Sabendo então que os alunos gostam de estudar, isso nos leva a inferir que o aluno espera da escola conhecimento, e é isso que faz o aluno respeitar o ambiente à sua volta. Se a aula está um tédio, ele vai procurar algo mais interessante para fazer, e que geralmente não vai agradar o professor (Vichessi, 2009, p.83).

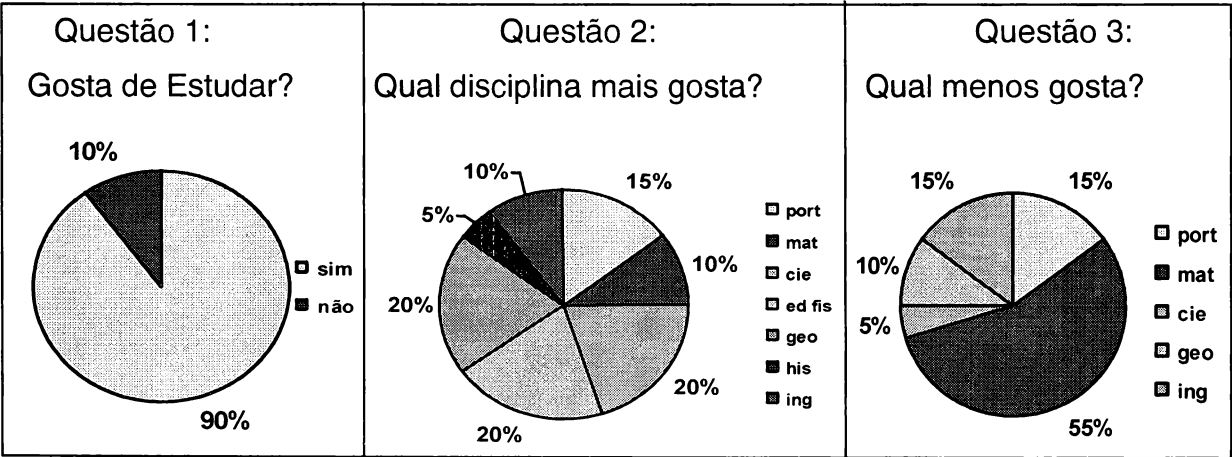


FIGURA 1 – Questionamentos feitos aos alunos da Escola Estadual Professora Adélia Antunes Lopes de Jataizinho – PR.

A prática atual do ensino-aprendizagem tem realçado a avaliação processual. Avalia-se ao longo do ano, considerando-se múltiplos aspectos, gradualidade da aprendizagem e criativa apreensão do conhecimento. Avalia-se qualitativa e quantitativamente (Amado, 2009). Mesmo avaliando ao longo do ano, a repetência ainda é fato nas escolas públicas e a maior parte dos alunos entrevistados já reprovaram (figura 2), evidenciando que há problemas de aprendizado, que podem estar ligado a indisciplina escolar. A reprovação pode ser consequência de vários fatores, isolados ou em conjunto e muitas vezes, e se houver um pouco de rigidez legal, os alunos são candidatos sérios à reprovação por não terem disciplina razoável. Já que onde há indisciplina há desordem, e onde há desordem há falta de atenção, e onde há falta de atenção não pode haver aquela aprendizagem que se espera (Andrade, 2008, p.56).



FIGURA 2 – Resposta dos alunos a questão: Já reprovou?

É confrontante que os alunos que gostam de estudar são em grande parte reprovados, já que é sabido que há uma diferença no desempenho de um aluno que gosta de estudar e outra que não gosta, pois o aluno que gosta de estudar aproveita melhor as aulas, sente prazer em ler, em pesquisar e obtêm os melhores resultados nas provas (Susuki, 2009, p. 15).

Outro aspecto importante que pode fazer a diferença no desempenho do aluno, é sobre seu relacionamento com professores. 60% dos alunos

entrevistados disseram que os professores reclamam de seu comportamento. A cada ano, os professores brasileiros perdem, em média, 35 dias inteiros de aula tentando controlar alunos bagunceiros. O avanço da indisciplina e do desrespeito em sala de aula não resulta apenas em dores de cabeça, traumas e contusões em professores e alunos. Também se reflete no desempenho escolar sofrível dos estudantes brasileiros (Bublitz, 2009, p.265).

Na sala de aula a agressão significa em certos casos, por exemplo, quando um aluno agride algum colega sem motivo, ou nega-se a cumprir as normas, uma busca de limites e atenção. O gesto agressivo do jovem é uma necessidade de reivindicar por seus objetivos, buscar a comunicação, de se fazer notar. Observando-se o comportamento de alguns jovens em sala de aula percebe-se um certo grau de irritabilidade gratuita e desnecessária, podendo lançar sobre qualquer colega um insulto ou ação maldosa sem maiores motivos ou justificativa. Isto ocorre inclusive em relação aos professores, pelos quais os jovens muitas vezes demonstram desagrado e desprazer em colaborar ou seguir as normas estabelecidas, como destaca Mielnik (1982, p.62).

Diante disto, é importante saber o que os alunos acham de seus educadores, já que as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo (Silva, 2007, p.21). Foi perguntado aos alunos o que acham de seus professores. A maioria dos alunos entrevistados acham que os professores são bons. Segundo Freire (1996, p.11) o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Entretanto, há uma certa incoerência nos fatos expostos, pois segundo o pesquisador Fernando Becker, citado pelo Bublitz (2009, p.265), um professor sem preparo adequado quase que inevitavelmente vira alvo do aluno mal intencionado.

Tão importante quanto saber as opiniões dos alunos sobre a indisciplina, também é importante levantar tais questionamentos aos professores. Antes de mais nada, foi perguntado aos professores sobre a sua profissão. Questionou-se que, se pudessem voltar no tempo, teriam escolhido outra profissão? Quase a metade dos professores entrevistados responderam que sim, evidenciando as dificuldades da carreira (figura 5). Infelizmente, professor desestimulado é sinônimo de aula chata e isso favorece à indisciplina em sala de aula.

Questão 5: Se pudesse voltar no tempo, seria professor novamente?

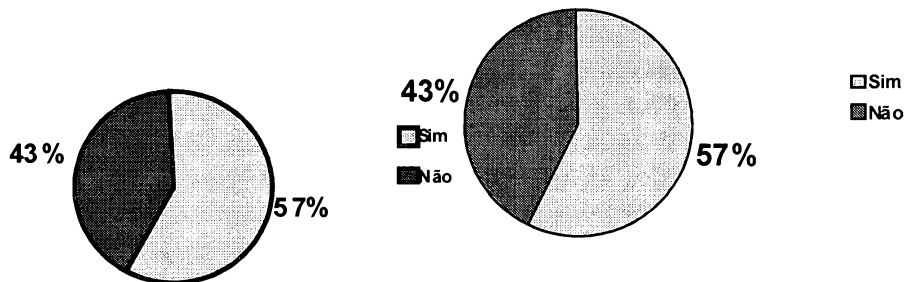


FIGURA 3 – Questão feita aos professores sobre sua profissão.

Ser professor nunca foi fácil. Durante séculos exigiu-se que o professor fosse um modelo de virtudes, e mais recentemente que desempenhasse as funções de um técnico, capaz de mudar os comportamentos e atitudes de todo o tipo de alunos, onde a incerteza e a ambiguidade das funções são o seu melhor traço definidor (Fontes, 2009, p. 17).

Hoje em dia, o professor deve manter a ordem e a disciplina, cobrando a obediência às regras e normas do grupo ou da escola, mas também tem o dever de compreender e interpretar estas manifestações, buscando dar segurança ao jovem, para que obtenha um equilíbrio em suas ações. Na sala de aula os professores representam muitas vezes uma segurança para alguns alunos que se sentem perdidos e desamparados, sem limites. O jovem que não teve momentos de carinho, limite e equilíbrio no seio familiar busca-os na escola. Por isso o professor não deve deixar impune uma agressão, pois a melhor forma de demonstrar afeto por um aluno é saber dizer-lhe não na hora certa. O jovem deve ter em mente que toda regra estabelecida ou limite imposto deve ser respeitado.

Porém não basta apenas cobrar e castigar o jovem, é muito importante dar atenção a um aluno que está demonstrando em sua conduta estar perdido, bagunçando, transgredindo normas. Mesmo que seja lhe outorgado alguma tarefa, ou seja, algum trabalho a concluir em prazo determinado, que lhe exija responsabilidade na execução, pois assim estabelece percepção de sua existência, e preocupação com ele e que este é importante no meio ao qual pertence. Assim, se estaria ajudando o aluno na formação de sua identidade, e estimulando a sua capacidade de tornar-se um indivíduo realizado e confiante.

O professor hoje em dia não pode ser mais apenas um transmissor de conhecimentos e sim um educador e orientador para exercer com sucesso sua função e seu papel social no processo de ensino-aprendizagem. Deve servir como um referencial seguro no qual o jovem possa se apoiar, deve representar uma figura significativa de referência, ou seja, alguém que exprima com clareza informações e diretrizes, tão necessária ao sujeito em formação.

Segundo Outeiral (1994, p. 50), os professores são pessoas importantes para os adolescentes se identificarem e, nesse sentido, têm uma participação essencial no processo de formação humana destes. A maioria das pessoas adultas é capaz de lembrar de professores importantes, com os quais se identificou da mesma forma que daqueles com os quais buscou ser completamente diferente.

O professor precisa sempre refletir se os indícios de indisciplina não são decorrentes de uma didática pobre e desinteressante, de uma postura (autoritária ou permissiva) ou ainda relacionados a ausência de uma boa dinâmica na classe (crianças muito tempo sentadas, esperando, sem fazer nada). Muitas vezes, a questão não deve ser resolvida com uma nova regra, mas sim com uma séria e imparcial revisão do problema, com tomada de consciência e com mudanças de postura, procedimentos ou estratégias pelo educador. É necessário que procure compreender os motivos, que seja feita uma revisão imparcial e profunda da questão, do contrário, está-se atuando apenas em cima das consequências e não na principal causa do mesmo (Vinha, 2000, p. 57).

É importante ressaltar que os educadores precisam ter clareza das finalidades de sua escola. Para tanto, há necessidade de se refletir sobre a ação educativa que a escola desenvolve com base nas finalidades e nos objetivos que ela define. As finalidades da escola referem-se aos efeitos intencionalmente pretendidos e almejados (Alves, 1992, p.33).

Em conjunto com a escola e com os professores, a presença dos pais para o bom funcionamento escolar é de suma importância. A família e escola precisam buscar estar na mesma sintonia, como se na verdade formassem uma orquestra onde todos os instrumentos precisassem estar em harmonia para apresentarem um belo concerto. Portanto, é necessário estar claro que para que aconteça aprendizagem a escola precisa da família, como a família da escola. Desta maneira, poderemos obter com maior êxito o sucesso no processo de ensino aprendizagem. Os pais precisam conhecer toda a estrutura física, burocrática e humana da unidade escolar, pois é onde seu filho irá passar grande parte da sua vida (Martins, 2009, p. 16).

Também foram feitos questionamentos para os pais os alunos a cerca da indisciplina. Em suma, os pais disseram que seus filhos estão sem limites, tanto na em casa quanto na escola e fazem o que querem. E quanto aos professores, os pais acham que eles deveriam ser mais dedicados, faltarem menos e acima de tudo, reconhecer que o principal fator na qualidade de ensino é o que eles repassam na sala de aula.

Os pais têm o papel de estimular os filhos a obedecer as regras da escola, mesmo quando discordam delas, pois assim estarão os ensinando que precisam obedecer as regras mais amplas da sociedade (Lopes, 2009, p. 15). Tanto os pais quanto a escola compartilham a formação integral do educando, e, desta maneira, utilizando da parceria, cooperação e compromisso é possível alcançar maiores resultados.

Se pais e escola se conscientizarem dessa obra – que é coletiva – com certeza as consequências serão mais benéficas do que um plano do tipo “bolsa-escola”, que força a criança a permanecer nela em troca de uns míseros reais. A presença dos pais na escola visa uma tarefa cooperativa, e que tem que seguir as

mesmas normas e a mesma linguagem, porque senão corre-se o risco de educar na escola e deseducar em casa ou vice-versa (Ferreira, 2009, p.595).

Assim, cabe aos pais e a escola a preciosa tarefa de transformar a criança imatura e inexperiente em cidadão maduro, participativo, atuante, consciente de seus deveres e direitos, possibilidades e atribuições.

O papel da família na educação dos jovens é fundamental. A criança traz para a escola valores que já estão estabelecidos por sua família e pela sociedade a qual pertence. Portanto, se desrespeitar os professores, brigar na escola, agredir os colegas, desvalorizar o ensino e a educação, não representa para a família um valor, o jovem não sentirá culpa por seu comportamento indesejável, pois sente vergonha daquilo que para ela não representa um valor. A relação do aluno com a escola é afetada pela significação que os pais dão a ela, aos estudos de seu filho e a relações dele com os demais, já que, segundo Outeiral (1994, p.50), freqüentemente a escola procura buscar uma maior participação dos pais inteirando-os de qualquer problema que ocorre na escola com seus filhos. Assim como a família à comunidade deve estar inserida na escola e na vida escolar do jovem buscando a solução para a resolução dos problemas, para uma integração satisfatória do jovem na sociedade.

4. DISCUSSÃO

A educação, num sentido mais amplo, não deixa dúvida da sua função social, sendo um fator decisivo da humanização do homem. Os grupos humanos, constituídos culturalmente como tal, elaboraram, ao longo do tempo, instrumentos, artefatos, costumes, normas, códigos de comunicação e convivência como mecanismos imprescindíveis para sua sobrevivência. Esses mecanismos não se fixam biologicamente nem se transmitem através da herança genética. Os grupos humanos põem em andamento processos externos de transmissão para garantir a sobrevivência das novas gerações e de suas conquistas sociais. Esse processo costuma ser genericamente denominado de educação (Santos e Nunes, 2006, p.17).

Se partirmos do pressuposto de que, nas sociedades complexas, a educação escolar é o modo dominante por meio do qual as novas gerações são inseridas na tradição, isto é, o meio pelo qual as introduzimos no instável (e sempre inusitado) mundo do conhecimento sistematizado, haveremos de convir que alguns fantasmas têm rondado essa instituição secular. E o mais implacável deles talvez seja o que envolve a crise da autoridade docente – fato este que, a nosso ver, seria o correlato principal de grande parte dos efeitos de violência testemunhados no cenário escolar (Aquino, 1998, p.14).

Segundo Arroyo (1995, p.36), a educação moderna vai se configurando nos confrontos sociais e políticos, ora como um dos instrumentos de conquista da liberdade, da participação e da cidadania, ora como um dos mecanismos para controlar e dosar os graus de liberdade, de civilização, de racionalidade e de submissão suportáveis pelas novas relações sociais entre os homens. Uma primeira hipótese de explicação da indisciplina seria a de que "o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação de antigamente" (Aquino, 1998, p.14).

E isso nos leva a refletir: Educar para quê? Para o convívio social, para o desempenho profissional, para a aquisição de uma consciência de viver em coletividade... Quem deve educar nossas crianças? Todo o ambiente que as cerca, mas principalmente aqueles que lhes são, em geral, prioritariamente significativos - a família e a escola (Silva, 2009, p.10).

A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (Rego, 2003, p. 47). Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma

preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (Dessen e Polonia, 2007, p.26).

Os pais que acompanham a vida da escola e a vida dos seus filhos dando apoio necessário e escola que atende políticas que vão beneficiar o aluno e o ensino-aprendizagem são o conjunto ideal para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. É a união de esforços em prol de uma educação significativa (Ferreira, 2009, p.175).

No entanto, os educadores devem atentar-se para os fatos cotidianos, já que é muito comum imaginarmos que "criança mal-educada em casa" converte-se automaticamente em "aluno indisciplinado na escola". Alertemos que isso nem sempre é necessariamente verdadeiro. Não é possível generalizar esse diagnóstico para justificar os diferentes casos de indisciplina com os quais deparamos. Além disso, há uma evidência irrefutável de que os mesmos alunos indisciplinados com alguns professores podem ser bastante colaboradores com outros (Aquino, 1998, p.14).

Ora, precisamos recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, distinguindo claramente os papéis de pai e de professor. Família e escola não são a mesma coisa, e uma não é a continuidade natural da outra; porque se assim o fosse, também o inverso da equação acima deveria ser igualmente plausível. Ou seja: "aluno indisciplinado na escola" converter-se-ia em "filho mal-educado em casa". Estranha essa última fórmula, não? Assim, certos comportamentos podem ser considerados por alguns professores como indisciplina, enquanto que, para outros, correspondem apenas a um excesso de vitalidade. Desta maneira, a suposta indisciplina não estaria no aluno, sendo na realidade um sintoma de uma escola incapaz de gerir e administrar novas formas de existência social concreta, que surgem no seu interior, em decorrência das transformações do perfil de sua clientela (Santos e Nunes, 2006, p.19).

A origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores: verificados nos alunos; uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar. Neste trabalho foram diagnosticados alguns destes fatores e, a partir dos resultados obtidos pode-se inferir que:

- Fatores relacionados com os alunos:

A indisciplina na escola pode ter relação com o fraco rendimento escolar dos alunos. O seu insucesso pode levá-los a investir pouco nas tarefas escolares e a desinteressarem-se pela escola, desencadeando, eventualmente, emoções negativas, traduzidas em comportamentos inadequados. O jovem que não se desenvolveu normalmente manifesta (na escola ou fora dela) comportamentos inadequados, que são muitas vezes julgados como sendo comportamentos indisciplinados. Isso indica, então, a correlação entre indisciplina e moralidade.

- Fatores relacionados aos professores:

O papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

É necessário que entre os pares estabeleça-se a forma de comunicação necessária para que a aprendizagem significativa ocorra realmente. Segundo Vasconcellos (2003, p.58), o professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender.

Em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos.

- Fatores relacionados às famílias dos alunos:

A importância da colaboração escola-família é notória, pois, quando as famílias participam da vida escolar, torna-se mais fácil a integração dos alunos e melhora a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Há estudos que evidenciam que o envolvimento dos pais está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos.

O envolvimento dos familiares melhora a imagem da escola e o seu vínculo com a comunidade. Tal envolvimento significa uma educação de sucesso apoiada no binômio escola-família, já que não se aprende só na escola. Nesta, aprende-se a aprender, mas para aprender o indivíduo deverá ser estimulado por um meio ambiente favorável, sendo que é na família que os alunos adquirem os modelos de comportamentos que exteriorizam na sala de aula.

4.1. POSSÍVEIS SOLUÇÕES E INTERFERÊNCIAS NA INDISCIPLINA

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático, que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Não há “receitas”, “fórmulas” já prontas para as situações de indisciplina, dado estas serem relacionais e circunstanciais. É preciso situá-la em seus termos, isto é, de acordo com as características e com os condicionamentos do aluno que a provoca ou da situação na qual se manifesta. Antunes (2002a) salienta que “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”. Os encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola têm se mostrado efetivos, de acordo com a literatura especializada. Estudos indicam que uma diretriz disciplinar ampla, de

base preventiva, é o melhor posicionamento que uma escola pode desenvolver para garantir a disciplina (Gotizens, 2003, p.22; Aquino, 1996, p.148).

Se o que se deseja é uma escola disciplinada, é importante compartilhar com os estudantes expectativas que reflitam uma apreciação quanto as suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto à escola. Um outro elemento preventivo relevante na indisciplina é a adoção da modalidade de tutoria. É uma via polivalente de enorme interesse em que cada professor adota como tutor uma turma ou indivíduos de uma sala de aula ou da escola. Gotizens (2003, p.22) afirma que “as tutorias são aplicadas mediante a ação coletiva e individual dirigida aos alunos ao longo da sua escolaridade, que incumbe logicamente a eles e a seu tutor, sendo que este último deve zelar pela harmonia entre alunos, professores e pais”.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Dos alunos considerados inadequados ao perfil da escola, muitos procedem de ambientes nada favoráveis, como os que existem na maior parte do Brasil. Essas crianças precisam de outro atendimento, pois suas características fazem com que não reajam positivamente ao atendimento atualmente oferecido pela escola.

A indisciplina é causa muitas vezes da organização interna da escola, na falta de comunicação entre a direção, professor e aluno, no planejamento dos horários e das aulas e também pela não relação e união dos integrantes do espaço escolar e pais.

A participação e o trabalho colegiado são necessários para enfrentar os problemas, não basta atacar suas aparências, é preciso descobrir o que fazer, qual é a sua origem e juntos resolver efetivamente os problemas de indisciplina que afetam o trabalho pedagógico.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. et al. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2004.

ALVES, José Matias. **Organização, gestão e projecto educativo das escolas**. Porto, Edições Asa, 1992.

AMADO, W. **Avaliação e reprovação escolar**. Universidade Católica de Goiás. In: <http://www2.ucg.br/flash/artigos/0402escolar.html>. Acesso: 18/11/2009.

ANDRADE, L. T. Causas da reprovação escolar. **Esplanada dos prosadores**, edição nº 40, 2008.

AQUINO, J.G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº 47, dezembro/98.

AQUINO, J. G. (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 3a ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ARROYO, M. Educação e Exclusão da cidadania. In. BUFFA, E. et.al. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão ?** São Paulo, Cortez, 1995.

BUBLITZ, J. **Raio-x do problema da falta de disciplina nas escolas brasileiras**. In: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/oxdaeducacao/19,0,2604409,Raio-x-do-problema-da-falta-de-disciplina-nas-escolas-brasileiras.html>. Acesso: 04/11/2009.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul/dez 2002.

DANNELLS, M. **From discipline to development**. Washington: The George Washington University, 1997.

DESSEN, M.A. & POLONIA, A.C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 17(36), 2007.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 2. ed. Porto: Porto, 1994.

FERREIRA, V. Pais x Escola. **Revista Profissão Mestre**, 2009.

FONTES, C. **Profissão: Professor**. In: <http://educar.no.sapo.pt/PROFS2.htm>. Acesso: 27/11/2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDLANDER, D.; MARTINS, I.; MOON, P.; MENDONÇA, M. & MENDONÇA, R. A nova classe média do Brasil. **Revista época**, 11 de agosto de 2008.

GARCIA, J. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **Educação Temática Digital**, Campinas, 8(1): 121-130, 2006.

GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GOTIZENS, C. **A disciplina escolar: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LOPES, P. **Atuação dos Pais na Escola.** In:
<http://www.brasilecola.com/psicologia/atuacao-dos-pais-na-escola.htm>. Acesso:
01/12/2009.

MARTINS, J. A importância da presença dos pais na vida escolar dos filhos.

Jornal da Educação. In:

http://www.jornaldaeducacao.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=616&Itemid=63. Acesso: 30/11/2009.

MIELNIK, I. O Comportamento Infantil: Técnicas e Métodos para entender Crianças. 2.^a edição, editora: Ibrasa, São Paulo – SP, 1982.

OUTEIRAL, J.O. Adolescer: Estudos sobre Adolescência. Editora: Artes Médicas, Porto Alegre – RS, 1994

PRAIRAT, E. La sanction en éducation. Paris: PUF, 2003.

REGO, T. C. (2003). **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades.** Petrópolis, RJ: Vozes.

SANTOS, C. F. & NUNES, M. F. A indisciplina no cotidiano escolar. **Candombá**, 2(1):14-23, 2006.

SILVA, A.S. **Qual o papel da família e da escola na formação do cidadão?** In:
http://www.mp.go.gov.br/ancb/documentos/Educacao/Textos_diversos/QUAL%20O%20PAPEL%20DA%20FAM%C3%8DLIA%20E%20DA%20ESCOLA%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DO%20CIDAD%C3%83O.doc. Acesso:
30/11/2009.

SILVA, P. S. A relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem. **Revista Espaço da Sophia**, nº 7, 2007.

SUZUKI, G. T. **Como gostar de estudar**. In:

<http://www.nead.unama.br/site/index.asp?pag=segunda&pagg=coluna&ida=116&idc=1>. Acesso: 20/10/2009.

TAILLE, Y. de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

VICHESSI, B. Indisciplina – Como se livra dessa amarra e ensinar melhor. **Revista Nova Escola**, edição 226, p.78 – 85, 2009.

VICTORETTE, M.W.D.; AIMI, A.L.; SOUZA, F.S. & KAZAPI, J. Por que os alunos não gostam de matemática? **5ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2005.

VINHA, T. P. Observações sobre as normas na escola. **Revista Linha Direta**, Ano 3, nº 6, 2000.

YAMAMOTO, E.Y. O povo conta a sua mídia: a construção da Rádio Comunitária Nova Geração de Jataizinho (PR). In: V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007. **Resumos**, 2007.